

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Mitologia, Semiótica e Antiguidade Clássica: uma proposta de abordagem dos  
'Discursos' de Dion Crisóstomo**

Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi\*

**Resumo:** O tema central da abordagem é a aplicação da análise semiótica como metodologia de análise histórica do mito presente nos *Discursos* de Dion Crisóstomo, filósofo bitiniano que viveu entre 40 e 115 d.C sob o Império Romano.

**Unitermos:** Mito, Semiótica, Dion Crisóstomo.

**Abstract:** The central theme of this article is the application of the semiotical analysis as methodology of historical analysis of the myth present in the Dio Chrysostom's *Discourses*, bitinian philosopher that lived between 40 and 115 A.D in Roman Empire.

**Keywords:** Mith, Semiotics, Dio Chrysostom.

Ao abordar a temática do mito na Antigüidade Clássica, é certo que se evoca uma questão complexa e que, por isso apenas serão indicados alguns caminhos que podem ser seguidos. Antes de começar uma discussão sobre o mito na Antigüidade, deve-se pensar em que se constitui o mito. Adotando o mito como uma fala, uma narrativa, infere-se que a linguagem é o veículo do mito.

O mito será entendido aqui no seu aspecto pragmático, isto é, na sua função. Assim, a interpretação do mito está na razão direta de como ele atua na sociedade e, por isso, a interpretação é variável. Segundo Eliade, “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares (ELIADE, 1991, p. 11.)”

W. Jaeger aborda o mito como forma excepcional:

*Falamos do valor educativo dos exemplos criados pelo mito... O mito contém em si este significado normativo, mesmo quando não é empregado expressamente como modelo ou exemplo... O mito serve sempre de instância normativa para a qual apela o orador. Há no seu âmago alguma coisa que tem validade universal. Não têm um caráter meramente fictício, embora originariamente seja, sem dúvida alguma, o sedimento de acontecimentos históricos que alcançaram a imortalidade através de uma longa tradição e da interpretação enaltecedora da fantasia criadora da posteridade (JAEGER, 1986, p. 66.).*

---

\* Doutora, docente do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis.

Desse modo, para discutir o mito como expressão do pensamento dos homens, as idéias propostas por Jaeger serão levadas em conta com mais atenção. O mito será entendido como sendo a narrativa daquilo que se pretende que seja, enquanto expressão do pensamento de uma dada sociedade.

Roland Barthes propõe igualmente o modelo de mito, segundo o qual,

*...o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma...já que o mito é uma fala, tudo pode constituir um mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais mas não substanciais(BARTHES, 1999, p 131).*

Com efeito, a abordagem do mito deve levar em conta as condições teóricas propostas por Jaeger e Barthes. Outro aspecto fundamental que age efetivamente para a manutenção do mito, diríamos sobrevivência do mito, como referência de comportamento da sociedade, é a memória. A memória um aspecto fundamental para a compreensão da composição e da função do mito e o aspecto histórico subjacente à construção também deve ser evocado. Segundo Barthes, preocupado com a relação história- mito e história-mitologia, “[é] a história que transforma o real em discurso, é ela e só ela que comanda a vida e a morte da linguagem mítica. Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas” (BARTHES, 1999, p 132).

Aceitando-se a análise de Barthes, tem-se como posto que a palavra, instrumento de transmissão do mito, tem seu significado relacionado com a idéia de preservação, de conservação de algum tipo de informação, retenção nos quadros mentais de muito do que foi produzido pela sociedade. Assim, a construção do mito na memória tem, ao mesmo tempo, um caráter social-individual e social-coletivo, já que é o indivíduo que faz o seu registro e a acumula e é o coletivo que a recupera.

O mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito e de comportamento social. Com ele, aprendiam moralidade e conduta, as virtudes da nobreza, sobre raça, cultura e até mesmo política. Está aí uma das razões porque a história, na Antigüidade Clássica, em boa parte foi tida com base principalmente na poesia épica, podendo-se comparar então as duas formas de narração do passado. No entanto, a fonte de seus escritos é a mesma, a memória coletiva, perpassada pela via da oralidade. Existe na constituição da prática política grega ligada a aspectos existenciais e a representações que, de certa forma, caracterizam-se como referência da dominação. A retórica é tida como uma dessas representações, na medida em que reproduz fundamentalmente de modo organizado e

articulado a filosofia grega. E entenda-se também que toda a educação grega, como elemento institucional de dominação, está alicerçada na formação filosófica. É na ação pedagógica que o mito é utilizado como recurso de retórica para a argumentação e transmissão do pensamento dominante -enquanto convencimento e fixação de preceitos históricos, éticos e morais.

Os usos do mito lançam olhares seletivos sobre a verdade e ao longo do tempo, com a transmissão oral ou escrita, seus componentes são comprovados ou não pela prática cultural. Assim, os acontecimentos “míticos” acabam sendo superados pelos acontecimentos “históricos”, cujas evidências mostram-se racionais em relação ao mito. Deve-se pensar no mito, portanto, enquanto veículo de informações. A questão não é, pois, “acreditar” nos mitos, mas, sim, entendê-los com seus exemplos e a sua constituição. A função dos mitos na formação do cidadão grego é a de inculcar no imaginário da *polis* a credulidade, a participação e a função de uma pequena parcela da população, parcela essa constituída dos *homoioi*. É esse o fundamento da construção cultural do mito no mundo mediterrâneo antigo, especialmente com a combinação helenística desembocando no mundo de domínio romano após o século III a.C. O mito, em suas práticas e representações, pode ser trabalhado como comunicação literária, recurso que é dos mais comuns quando se trata de compreender o pensamento do segmento social.

Para melhor compreender e analisar os aspectos da linguagem literária, veículo dos mitos gregos, deve-se procurar uma teoria lingüística que ofereça subsídios teóricos e práticos para a análise.

O trabalho com o discurso literário significa navegar pela teoria lingüística, mesmo considerando que a tarefa do historiador não tenha por objetivo a análise lingüística. Todavia, é preciso entender o mecanismo da linguagem, a sua estrutura funcional e as várias formas de análise que oferecesse elementos observáveis para compreender o momento e a forma em que o discurso foi produzido, o seu alcance na manutenção e afirmação na relação entre opinião pública e o *status quo*.

Entendemos aqui a semiótica como uma teoria geral de signos<sup>1</sup> e com esse entendimento abriu-se ainda mais o leque de opções. A aplicação da teoria semiótica fundamenta, pois, a análise histórica na medida em que a construção da história também é feita sobre *signos*<sup>2</sup>. Embora muitos signos tenham estruturas comuns, cada um apresenta

---

<sup>1</sup> Entendendo como signos toda e qualquer coisa que substitua ou represente outra organizada sob a forma de linguagem, verbal ou não-verbal.

<sup>2</sup> Vamos entender signo também como sinal, vestígios, indícios. O historiador trabalha com todo elemento que pode representar um determinado momento social, num determinado tempo e espaço.

referentes e significados diferenciados e, ainda mais, cada um dos signos pode significar algo além deles mesmos constituindo, assim, outros signos.

A imagem reúne os ícones que mantêm uma relação de analogia qualitativa entre o significante e o referente. O diagrama utiliza uma analogia de relação, interna ao objeto. A metáfora trabalha o paralelismo qualitativo. É basicamente a metáfora que nos interessa como aplicação na análise do discurso literários míticos, porque a metáfora é uma figura de retórica que utiliza elementos socioculturais e individuais para estabelecer a relação analógica de qualidade entre os ícones.

Quando se trata da leitura de um historiador, as imagens produzidas historicizam-se, pois procurar compreendê-las contextualmente é mais do que um hábito, é um compromisso. Quando se chega a esse momento, já estão superados o ceticismo e a ignorância. O leitor avança num *logos* escolhido, já deu todas as chances ao texto, “[v]isto em seus níveis múltiplos, suas diversas linhas melódicas, suas rupturas também, retomadas, impasses, e como a expressão de uma ou de várias estratégias narrativas” (HARTOG, 1999, p. 16.).

O contato com a relação identidade-alteridade permite encontrar no texto lido toda a sua consistência, sua respiração, e vê-lo animar-se e ser posto em movimento. Semelhanças, vocabulário, cadência, memória, esquecimento, vida, morte, paixões, mitos, antimitos, heróis, anti-heróis são componentes indispensáveis ao texto literário, na medida em que ele representa igualmente, via de regra, a viagem realizada pelo autor. A mescla “do realmente acontecido” com o que “deveria acontecer” ou “teria acontecido” está presente na relação autor-texto quanto ao enredo. No caso de textos produzidos na Antigüidade Clássica, é de se observar que essa viagem acontece quase sempre da epopéia à história, envolvendo figuras heróicas, míticas, lendárias, com defeitos e virtudes humanos, entretanto de traços semidivinizados. Há, por assim dizer, uma narrativa que se coloca à frente do leitor e cabe a ele fazer essa identificação.

A metáfora e a alegoria (alegoria é um conjunto de metáforas) são utilizadas pela linguagem verbal para suprir a ausência de um signo que não transmita, na sua essência, a totalidade de uma qualidade. Para se entender a metáfora é necessário ter como referência a palavra em uma moldura, ou seja, em seu contexto. Um dos principais veículos da metáfora é o mito, embora a literatura e a poesia sejam também seus grandes meios.

No mito, a principal figura de linguagem é a alegoria, que é, nada mais nada menos, uma cadeia de metáfora e simbolismos. Os mitos estão entranhados de alegorias e figuras de linguagem que representam o momento sócio-cultural de sua produção.

Para Benjamin, a reabilitação da alegoria será uma reabilitação da história, da temporalidade e da morte na descrição da linguagem humana. Além disso, ele condena a redução do símbolo e da alegoria a uma mera redução dos termos a uma relação entre aparência e essência. Enquanto o símbolo aponta para a eternidade da beleza, a alegoria ressalta a impossibilidade de um sentido eterno e a necessidade de perseverar na temporalidade e na historicidade para construir significações transitórias.

O sentido, os inúmeros sentidos que se pode decifrar, só pode ser arbitrário, pois, mesmo se porventura encontrasse o “verdadeiro” sentido, não seria reconhecido. A escrita e a alegoria somente são ditas “arbitrárias” para uma posição que mantém a afirmação da possibilidade de um saber necessário, transparente e imediato. Se, como a alegoria o manifesta, o sentido da totalidade se perdeu, isto se deve também, e mais ainda, ao fato de sentido e história estarem intimamente ligados.

A interpretação alegórica, essa produção abundante de sentido, a partir da ausência de um sentido último, expõe as ruínas de um edifício do qual não se sabe se existiu, um dia, inteiro; o esboço apagado e mutável desse palácio frágil orienta o trabalho crítico.

### **Uma proposta de interpretação alegórica**

Com o que já foi visto em relação à concepção de mito e uma possível metodologia aplicada para análise, pode-se propôr uma análise alegórica de um dos discursos de Dion Crisóstomo, filósofo grego do II século D.C..

O primeiro Discurso da obra de Dion Crisóstomo, como também os três seguintes, tem como tema a monarquia, e por evidência interna acredita-se que tenha sido entregue primeiro a Trajano em Roma logo após ele ter se tornado imperador.

A concepção de Dion sobre o verdadeiro rei<sup>3</sup> é grandemente influenciada por Homero e Platão. O verdadeiro rei teme os deuses e assiste sobre os seus súditos tal como Zeus, o deus supremo, assiste sobre todo o gênero humano. Ao final está uma descrição da escolha feita por Hércules, que é o grande modelo dos Cínicos.

---

<sup>3</sup> Chamar-se-á de rei, nesse momento, as figuras de *basileus* e de *princeps*.

Para abordar as alegorias utilizadas por Dion Crisóstomo, a análise da última parte do Primeiro Discurso é um bom exemplo, onde as figuras de linguagem vão ser o veículo de convencimento e de resgate da memória coletiva na medida que o autor retoma os mitos gregos para justificar o momento político que o seu grupo social está presenciando.

*"(...)Hermes veio então a Tebas onde o rapaz Hércules estava sendo criado, e lhe falou quem era ele e quem o tinha enviado."*

Hércules, no imaginário grego, é tido como o deus civilizador que tirou os gregos da *barbárie* mostrando-lhes o mundo da razão, civilizado, e Hermes é o mensageiro dos deuses e guia dos homens, representando a união entre o céu e a terra. Hércules representa ainda o ideal do heroísmo do homem que se torna, finalmente, merecedor de passar do nível mortal ao imortal.

*"Então, o conduzindo, levou-o sobre caminhos desconhecidos e secretos para os homens até que ele chegou a uma montanha diferente e muito alta cujos lados eram terrivelmente íngremes com precipícios e com um desfiladeiro profundo de um rio que a cercava (...) Para qualquer um que lançasse um olhar para cima o pico pareceria único; mas era de fato duplo e sobre uma única base; e os cumes realmente estavam distantes um do outro."*

Hermes, ao mostrar as montanhas, proporciona a Hércules a visão única de dois sistemas de governos diferentes embora, para aqueles que o vêem de baixo não saibam distinguí-lo um do outro. Esta distinção sobre os sistemas de governo tirania e monarquia só pode ser feita por aqueles que os conhecem e sabem identificá-lo.

*"Um deles levou o nome Cume Real e era sagrado ao Rei Zeus; o outro, Cume Tirânico, foi nomeado depois de gigante Tifão. Havia dois caminhos a eles, cada um tendo um."*

Pode-se ver neste trecho acima as relações feitas entre as figuras mitológicas de Zeus e Tifão e a Monarquia e a Tirania. A Monarquia, representada por Zeus, é o local sagrado. Zeus é o verdadeiro pai dos deuses e dos homens, o senhor do céu e da terra. Zeus está mais próximo do homem do que seus antepassados, ele encarna a força que rege o céu e a terra, não estranha ao homem, mas integrada a ele. Esta é a postura que deve ter o bom governante, o zelador da humanidade. Já o gigante Tifão, representa o irracional, o monstruoso. É a personificação da ira, sua aparência é colossal, um monstro de cem cabeças de dragão que vomitam fogo. É a própria irracionalidade e fúria, sua morada são as entranhas

da terra. Tendo Tifão como representante da tirania, a imagem provoca temor naqueles que o aceitam, pois significa estar passível de qualquer ação insana.

*“Agora, como eu disse, à maioria das pessoas os dois cumes parecem ser praticamente um e não dividido, já que eles os vêem de longe; mas de fato o Cume Real era tão alto sobre os outros que estava sobre as nuvens no próprio puro e sereno éter, considerando que o outro é muito mais baixo, estando na mais espessa das nuvens, embrulhado em escuridão e névoa. Hermes então explicou a natureza do lugar a Hércules enquanto o conduzia para lá.”*

A distinção entre a monarquia e a tirania pode ser feita pela transparência dos atos de seus governantes. A monarquia pratica ações claras, proporcionando a todos uma visão administrativa, sobre os negócios do estado. Já a tirania pratica atos escusos, escondendo as ações administrativas daqueles que a permeiam. Neste trecho, pode-se detectar uma crítica velada aos governos de Nero e de, principalmente, Domiciano. Dion Crisóstomo viveu em Roma no período de governo de Vespasiano (69-79 d.C.) até Domiciano, quando foi expulso em 82 d. C. por este último em uma perseguição aos filósofos, dos quais Dion fazia parte. Domiciano é conhecido por sua tirania em relação à postura de seu governo, promovendo perseguições políticas contra a aristocracia romana, contra os cristãos e contra escritores e filósofos.

*“Mas quando Hércules, jovem ambicioso que era, desejou ver o que estava dentro, ele disse; ‘Siga, então, que você também poderá ver com seus próprios olhos, coisas escondidas dos tolos.’ Ele o levou então primeiro ao cume mais alto e lhe mostrou para uma mulher assentada em um trono resplandecente. Ela era bonita e imponente, vestida em manto branco, e continha em sua mão um cetro, não de ouro ou prata, mas de uma substância diferente, pura e muito luminosa - uma figura para todo o mundo como a figura de Hera. O seu semblante era radiante e cheio de dignidade, de forma que toda pessoa boa poderia ver isto sem medo, mas nenhuma pessoa má poderia contemplá-la mais do que qualquer homem com olhos fracos pode olhar o orbe do sol; composto e firme era o seu porte, e o seu olhar não oscilou.”*

A descrição que Dion faz sobre a primeira visão que Hércules tem da monarquia reflete luminosidade e clareza que só pode ser vista pelos sábios. A singularidade da monarquia está presente na medida que se tem a descrição de bens materiais como uma substância mais pura do que o ouro mas que não figura pela sua riqueza mas pelo seu brilho, e que também está refletido na veste, pura, branca, sem máculas. O semblante da monarquia demonstra a sabedoria e o equilíbrio no caráter, a sensatez que deve estar presente na monarquia.

*“Então indagando a Hermes qual das deidades era ela, ele respondeu, ‘ Oh, é a divina Senhora Realeza, a criança do Rei Zeus’. E Hércules regozijou e criou coragem na sua presença.”*

A influência de Zeus na monarquia é reforçada na medida em que se busca a descendência e o seu cuidado. A expressão “criança de Zeus” reflete a necessidade de zelo e proteção permanente pela divindade.

*“Então Hércules perguntou pelas mulheres que estavam com ela. 'Quem são elas?' disse ele; ' como os homens decorosos e imponentes, iguais em semblante!,' 'Veja,' Hermes respondeu, 'aquela que se senta à sua direita cujo olhar é feroz e gentil, é Justiça, beleza incandescente e resplandecente. Ao seu lado a Ordem Cívica que está como ela mas difere ligeiramente em aparência. Do outro lado uma das mulheres que excedem a beleza, delicadamente vestida, e benignamente sorridente; eles a chamam de Paz. Mas aquele que está perto da Realeza, só ao lado do cetro e um pouco à frente deste, um homem forte, grisalho e orgulhoso, tem o nome de Lei; porém ele também foi chamado de Justa Razão, Conselheiro, Coadjutor, sem o qual não são permitidas às mulheres ter alguma ação ou até mesmo pretendê-la.(...)”*

Neste último e longo trecho temos a descrição dos elementos que devem acompanhar a Monarquia para que o bom governante desempenhe o seu papel a contento, sob a proteção de Zeus. A justiça, a ordem cívica, a paz e a legislação devem estar sempre ao lado da monarquia para que haja plenitude no desenvolvimento de um governo ideal. Aquele que Dion Crisóstomo chama de *Basiléia*.

Após a descrição da monarquia, Dion Crisóstomo descreve o outro cume, fazendo referências à tirania. Como exemplo e proposta de análise de um discurso sob a teoria já exposta, acredita-se que haja ainda muitos elementos a serem reforçados. No entanto, sob o prisma proposto, que é a (des)construção de uma imagem criada em cima de elementos mitológicos para se reforçar um momento político em que se procura resgatar a memória coletiva em um determinado tempo e espaço definidos, acredita-se que tenha sido feita uma análise que busque compreendê-los.

A leitura de um dos *Discursos* de Dion Crisóstomo ou qualquer outra obra literária que traz componentes míticos, em sua qualidade apenas não provoca um entendimento satisfatório de seus elementos intertextuais. Ao se buscar uma contextualização, um resgate do momento em que foram produzidos, o entendimento desses elementos passa para um segundo nível provocando uma reação no leitor, fazendo com que este comece a refletir sobre os elementos expostos através das alegorias criadas pela retórica do discurso literário e mítico. E, enfim, em um terceiro momento, cria-se uma outra imagem, diferente da primeira, através de uma interpretação e de uma construção analítica que pretende fazer com que os elementos que permaneceram no imaginário do leitor interajam com os elementos apresentados pelo

discurso, embora estes mesmos elementos sofram, cada um a seu momento, influências socioculturais e individuais de seu tempo.

### Referências

- BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. O discurso da História. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. trad. Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1984. -(Coleção Signos 44). p. 121-130.
- \_\_\_\_\_. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BOWERSOCK, Glen W. **Augustus and the Greek world**. Oxford: Clarendon Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Greek sophists in the Roman Empire**. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Le Culte des Souverains**. Entretiens Hardt 19. Geneva, 1973, 177-206.
- \_\_\_\_\_. "Augustus and the East: The Problem of the Succession". In: MILLAR, F. e
- BRANCACCI, A. **Rhetorike philosophousa: Dione Crisostomo nella cultura antica e bizantina**. Naples, 1986.
- CHRYSOSTOM, Dion. **Orations**. Trad. J.H. Cohoon. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1971. Vol. I.
- DESIDERI, P. **Dione di Prusa: un intellettuale greco nell' impero Romano**. Messina, 1978
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1989.
- FINLEY, Moses. **A política no mundo antigo**. trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Uso e Abuso da História**. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FUHRMANN, Christopher. **Theory versus Practice: Plutarch, Dio Chrysostom, and Local Politics in the Early Roman Empire** in <http://www.camws.org/meeting/2003/abstracts2003/fuhrmann.html>.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- JONES, C.P. **The Roman world of Dio Chrysostom**. Cambridge MA, 1978.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. trad. Nilson M. Louzada. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- MOLES, J.L. 'The career and conversion of Dio Chrysostom', JHS, 98, 1978, 79-100.
- OLIVEIRA, Andrea Lúcia Dorini de. **Princesps e Basileus nos Discursos de Dion Crisóstomo (96 a 117 d. C.)**. Tese de Doutorado. Assis, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2001.
- OLIVEIRA, C.R. **Mito, Memória e História**. Assis: UNESP, 1997. Tese de Livre-Docência.
- RUSSELL, D. A. **Dio Chrysostom. Orations VII, XII and XXXVI**, Cambridge, 1992.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. P.42.
- SIDEBOTTOM, H. 'Studies in Dio Chrysostom On Kingship', DPhil thesis. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- SWAIN, S., "Dio and Lucian," in **Greek Fiction. The Greek Novel in Context**, edd. J. R. Morgan & R. Stoneman, London, 1994, pp. 166-180.
- \_\_\_\_\_. **Hellenism and empire: language, classicism and power in the Greek world, A.D. 50-250**. Oxford: Oxford University Press, 1996, 187-241.
- \_\_\_\_\_. (ed.). **Dio Chrysostom: politics, letters, and philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- WHITMARSH, Tim. **Greek Literature and the Roman Empire. The Politics of Imitation**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** Campinas, Papirus, 1984.